

Boletim

Nº 1.939 - Ano 42 - 9 de maio de 2016

Projeto Brasil.doc/Cenimar

ARQUIVO BRASIL

Está no ar a primeira etapa do *Brasil.doc*, arquivo digital que reúne cerca de quatro mil páginas de documentos sobre a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), muitos inéditos e oriundos das próprias forças armadas. Organizado pelo Projeto República da UFMG, o arquivo compila volumosa massa de informações distribuída em seis grupos: golpe de 1964, órgãos de repressão, informantes e agentes infiltrados, censura, crimes cometidos pelo regime contra povos indígenas e movimentos de resistência.

Páginas 4 e 5



Detalhe de documento que concentra relatos de episódios de terrorismo postal feitos por agentes dos serviços de informação

Semana de Saúde Mental enfatiza bem-estar da comunidade acadêmica

Página 3

CIÊNCIA, DEMOCRACIA e UNIVERSIDADE

Marcos Fabrício Lopes da Silva*

Em coluna intitulada *Ciência, democracia, regime* (*Correio Braziliense*, de 17/06/2015), Ari Cunha defendeu argumento pertinente: “É possível existir ciência sem democracia? Infelizmente, sim. Da mesma forma, é possível a existência da arte na ausência de ética. Mas a ciência, como arte humana do saber, não pode prescindir da ética democrática. Se existe relação entre a ciência e a democracia, ela está no fato de que o exercício do saber humano encontra na liberdade de pensamento e ação o principal estímulo e o catalisador. Ou seja, ao respirar ares menos poluídos pelo cerceamento de ideias, a ciência flui e cresce naturalmente”.

Defender o regime democrático como princípio essencial para o desenvolvimento do ofício científico passa fundamentalmente pela promoção das oportunidades de formação superior para um incontável contingente de pessoas antes privadas de tê-las, sem resultar no perecimento da qualidade de ensino e aprendizagem. Fica a pergunta: como a instituição, nascida para atendimento cultural das elites, poderá se reciclar a ponto de popularizar sua matrícula e deixar as lições do saber pelo saber, antes transmitidas pela semântica cifrada e codificada da linguagem científica, para aderir ao novo saber pragmático, quase pontual e tecnocêntrico, exigido pelo exercício profissional dos integrantes dessa nossa sociedade industrial e de serviços?

Ao examinar essa questão pelo viés histórico, Paulo Nathanael Pereira de Souza, no texto *Desafios à universidade nos novos tempos* (*Gazeta Mercantil*, de 04/11/2008), oferece um painel explicativo com os seguintes dizeres: “Com a afluência das massas às benesses da civilização e a velocidade das mudanças políticas no século 20, as escolas de todos os graus de ensino foram invadidas por multidões de alunos de diferentes origens sociais e capacidades intelectuais. E, em vez de terem reis e papas como man-

tenedores, passaram as universidades a ser sustentadas por orçamento público e recursos da bolsa dos usuários. Daí que se obrigaram a participar do dia a dia do mundo e a funcionar como centros de fornecimento de recursos humanos qualificados, necessários ao pluralismo laboral dos mercados”.

Na opinião de Gil da Costa Marques, em *O papel da universidade* (*Folha de S.Paulo*, de 20/06/2009), “a universidade tem duas funções primordiais. A primeira é expandir as fronteiras do conhecimento e, assim, enriquecer a cultura científica e tecnológica do país. A mais importante, no entanto, é promover a formação de recursos humanos qualificados, os quais são elementos-chave no fomento do desenvolvimento econômico e social”. Convém, contudo, salientar que o conhecimento como parte da formação cultural de uma nação, de um povo, *lato sensu*, não deve ser entendido simplesmente como forma de uma necessidade técnica, concebida como conjunto de competências e habilidades necessárias às classes dominantes e seu aparato político, ideológico e produtivo. A discussão que se deve realizar é sobre o tipo de cultura, de orientação humanística, de concepção de mundo, de criação de maturidade e capacidade intelectual que queremos ter ao inserir a universidade como elemento do processo de conhecimento, de criatividade e capacitação intelectual, moral, ética e crítica dentro da sociedade civil.

Isso não quer dizer que os aspectos ideológicos, políticos e econômicos da sociedade de classe não devam ser considerados, pois, além de fundamentais para a formação do conhecimento, interferem profundamente na concepção de homem que se quer formar dentro de uma ideia ampla, transformadora e crítica de orientação humanística da cultura em geral. Esse ponto de vista é iluminado por Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas* (1956): “A cabeça da gente é uma só e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, e a gente tem

de necessitar de aumentar a cabeça, para o total”. Olhar criticamente significa procurar “aumentar a cabeça, para o total”. Implica, portanto, uma atitude humilde e corajosa. *Humilde*, no sentido de reconhecer nossos limites – só quem reconhece que não sabe, que há ainda muito por ser conhecido, que “as coisas que há são demais de muitas”, empreende uma busca no sentido de ampliar seu saber. E *corajosa*, porque precisamos ser capazes de compreender o mundo em que vivemos, traduzi-lo em termos compreensíveis para todos e organizá-lo, tendo em vista a realização de uma comunidade política democrática.

A universidade precisa se concentrar na *busca amorosa da sabedoria*, do saber amplo e aprofundado, tendo em vista o desenvolvimento da *atitude crítica*. Deve voltar-se para seus objetivos de estudo, vê-los com clareza, com profundidade e com abrangência. Não pode se ancorar em certezas. Ao contrário, seu espaço é o da dúvida, da interrogação constante, do questionamento, da pergunta pelo fundamento, pelo sentido. O empenho universitário deve se mirar no exercício continuado de *compreensão*, que procura ir além da explicação de caráter utilitário e funcional, porque o mundo é complicado demais para ser vivido e especialmente para ser compreendido. Ele não se revela de imediato, desafia-nos e nos confunde, chega mesmo a atemorizar. Carece de ser pensado, analisado em seus ritmos e determinações para poder ser concebido como um todo plural, e não apenas como amontoado de fragmentos desconexos. Frente ao árduo desafio mencionado, a universidade precisa fazer da angústia do labirinto trampolim para a fundação da liberdade.

* Professor da Faculdade Ascensão, no Distrito Federal. Jornalista, poeta e doutor em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da UFMG

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou trélicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

Para **VENCER** a **SOLIDÃO**

Semana de Saúde Mental chega à quarta edição com ênfase no bem-estar de servidores, estudantes e colaboradores da UFMG

Itamar Rigueira Jr.

Recentemente, uma estudante da UFMG revelou ao Programa de Extensão em Atenção à Saúde Mental (Pasme) que estava passando por problemas psicológicos. E terminou seu relato, feito por escrito, com a seguinte exortação: “por uma vida menos solitária”. A expressão, compartilhada na Rede de Saúde Mental da Universidade, inspirou a definição da temática da 4ª Semana de Saúde Mental e Inclusão Social, que será realizada de 15 a 20 de maio, nos campi Pampulha e Saúde, com eventos também no Espaço do Conhecimento UFMG e no Sesc Palladium.

Um dos focos principais desta edição, a propósito, é a necessidade do cuidado com a saúde da própria comunidade universitária. “Durante a 3ª Semana, estudantes se queixaram de que, em momentos de dificuldade, têm pouco acesso a apoio e mesmo a informações. O Dast [Departamento de Atenção à Saúde do Trabalhador, da UFMG] apresenta números alarmantes de afastamentos de servidores”, destaca a pró-reitora adjunta de Extensão, Claudia Mayorga. “Precisamos construir juntos uma vida mais saudável, de prevenção ao sofrimento. Devemos lembrar que estamos aqui integralmente, em corpo, mente e sociabilidade”, ela continua, lembrando que o tema convoca para uma vida em comunidade.

Promovida pela Rede de Saúde Mental, pelas pró-reitorias de Extensão (Proex) e de Assuntos Estudantis (Prae) e pela Comissão Institucional de Saúde Mental (Cisme), a 4ª Semana vai tratar também de reforma psiquiátrica, luta antimanicomial, políticas públicas. E vai abrir espaço para os serviços territoriais de saúde mental e para as pessoas com sofrimento e seus familiares. “Queremos promover o protagonismo dos usuários, em diálogo com os produtores de conhecimento e os profissionais de saúde”, reforça Claudia Mayorga.

O pró-reitor de Assuntos Estudantis, Tarcísio Mauro Vago, destaca o desafio de garantir aos estudantes condições objetivas e subjetivas de entrar e permanecer na Universidade. “Uma política de saúde mental vai possibilitar que a travessia acadêmica seja feita em circunstâncias positivas, de respeito às identidades diversas e aos direitos sociais. Se todos cuidam de todos, a UFMG pode expandir sua potência de produzir conhecimento, cultura, sabedorias”, afirma.

‘Despatologização’

No segundo dia de evento, a professora da USP Carla Bianca Angelucci fará conferência com o tema *Despatologização da vida*. O objetivo, como diz a professora Maria Stella Goulart, presidente da Comissão Institucional de Saúde Mental (Cisme), é promover debate sobre a tendência de se transformar sofrimento mental em doença, que só encontra resposta na farmacologia ou no sistema especializado de saúde.

“Esse não pode ser o único caminho, precisamos encontrar outros veios expressivos. A dor reduz as possibilidades de diálogo, de criação intelectual, e é preciso encontrar maneiras diferentes de enfrentar os desafios subjetivos, com a consciência de que o problema não é apenas individual. No caso da comunidade universitária, inclusão deve se referir ao acolhimento por meio da colaboração, da solidariedade e da alegria”, afirma Stella Goulart, que vai apresentar resultados das discussões e reflexões coletivas. Nesta linha, o *recovery* (restabelecimento) que tem origem nas relações não apenas técnicas, mas de parceria e amizade, também será explorado, especialmente nas atividades noturnas.



Foca Lisboa

Stella Goulart: sofrimento mental não pode ser transformado em doença

Conferências, mesas-redondas e rodas de conversa vão tratar de política de drogas, cuidado em saúde mental – reunindo coletivos da UFMG e instâncias privadas e de governo –, exclusão, mediação de conflitos e fim dos manicômios. O evento terá participação de profissionais e pesquisadores da Itália e da Finlândia, que, segundo os organizadores da Semana, chegam não apenas para fazer palestras, mas também para conhecer iniciativas e pesquisas brasileiras. Na vertente cultural, haverá espetáculos teatrais e de música, feira de bem-estar, filmes e mostra fotográfica. O objetivo é também transformar o evento numa celebração festiva, com participação no desfile da Escola de Samba Liberdade Ainda que Tan Tan, caminhada e piquenique antimanicomial, entre outras atividades.

Rede na UFMG

A Pró-reitoria de Extensão tem reunido pesquisadores, estudantes e outros atores em torno de redes interdisciplinares que abordam temas como cidades, juventude e o desastre de Mariana. “A formação das redes é baseada na convicção de que é preciso agregar conhecimentos diversos e numa sensação recorrente de isolamento relatada pelos atores”, explica Claudia Mayorga. “Nosso objetivo é fortalecer pela integração e fazer o papel de mediadores, reforçando articulações já existentes. No caso da saúde mental, juntamos grupos de extensão e pesquisa, estudantes sujeitos ao sofrimento e setores de atenção. E ampliamos o alcance, envolvendo, entre outros, a Casu e o Conselho Regional de Psicologia”, diz a pró-reitora.

A programação da 4ª Semana de Saúde Mental e Inclusão Social está disponível no site <http://bit.ly/1Y9iRoT>, onde as inscrições podem ser efetuadas.

OSTENTAR a VERDADE

Projeto República lança site que reúne documentação inédita sobre a ditadura; parte do material é oriundo dos próprios centros de informações das Forças Armadas

Ewerton Martins Ribeiro

Em suas reflexões sobre a mentira na história e na política, a filósofa alemã Hannah Arendt estabelece o conceito de “verdade factual”: a ideia era abordar fatos que, em razão da vasta documentação que os comprova, não estariam mais no campo da opinião; seriam, já, dados históricos (não é concebível, por exemplo, afirmar que foi o Brasil que invadiu e colonizou Portugal). Assim, o contrário de uma verdade factual seria não o equívoco, o erro, a confusão, mas a mentira em estado puro, a falsidade deliberada – não raro, proferida por motivos escusos.

O que Arendt assevera é que, para se combater essas práticas de falsidade deliberada, é necessário ostentar publicamente os dados que embasam as verdades factuais. O objetivo é impedir que a memória dos acontecimentos seja deturpada pela vontade desonesta de quem ocupa posições de poder.

A UFMG acaba de disponibilizar na internet um site com o objetivo de conferir publicidade a dados que colaboram para a manutenção do saber acerca de uma das principais verdades factuais históricas brasileiras: a violência cometida pelo Estado durante a ditadura civil-militar que vigorou de 1964 a 1985, no Brasil. Trata-se do *Brasil.doc* (www.ufmg.br/brasildoc/), arquivo digital que vai reunir, até o fim de 2017, cerca de 15 mil páginas

Coordenado pela professora Heloísa Starling, do Departamento de História da Fafich, o Projeto República tem como principal foco o estudo da temática do republicanismo e o período histórico republicano brasileiro. De forma ampla, dedica-se a investigar o percurso da história das ideias e dos conceitos no Brasil.

de documentos referentes ao período, muitos inéditos. Nesta semana, acaba de ser concluída a primeira fase de implantação do repositório, com a oferta de mais de quatro mil documentos para acesso público.

A documentação reunida refere-se ao período de 1961 a 1988. Grande parte desse material foi gerada pelos serviços de informação e repressão das Forças Armadas – o Centro de Informações da Marinha (Cenimar), o Centro de Informações do Exército (CIE), o Centro de Informações da Aeronáutica (Cisa), o Serviço Nacional de Informações (SNI) e os Centros de Operação e Defesa Interna (Codi). Os documentos foram obtidos pelo [Projeto República](#), núcleo de pesquisa, documentação e memória vinculado ao Departamento de História da Fafich, responsável pela alimentação e manutenção do site.

O pesquisador Wilkie Buzatti, do Projeto República e coordenador do trabalho, lembra que muitos desses documentos já disponíveis no site são inéditos e representam uma fração muito pequena do montante gerado. “Tivemos acesso a pouco mais de duas mil páginas de documentos oriundos desses centros militares de informações. São microfílmagens dos documentos originais, realizadas no início dos anos 1970. Sabemos e temos como provar que esses microfilmes totalizaram mais de 1,2 milhão de páginas. E há indícios de que o restante desse material esteja em algum lugar”, detalha o pesquisador.

Segundo Buzatti, a expectativa do grupo é, com a divulgação dessa parte do material, despertar, na população e no poder público, o interesse pela localização do restante da documentação. “Com dois mil documentos já será possível promover avanços significativos no conhecimento que temos sobre os fatos ocorridos nesse período. Ficamos imaginando o que não seria possível saber se tivéssemos acesso à totalidade dessa documentação”, especula. “Contudo, o poder público só vai se interessar por procurar esses documentos quando isso for uma vontade da sociedade”, acrescenta. O *Brasil.doc* será alimentado continuamente, na medida do surgimento de mais informações referentes ao período.

Outra parte do material que já consta no site foi obtida diretamente por pesquisadores da UFMG no exterior, principalmente no Arquivo de Segurança Nacional do Paraguai. Uma terceira parte, por fim, foi fornecida por grupos, associações e partidos que atuaram nas diferentes frentes de resistência à ditadura civil-militar brasileira e por indivíduos da sociedade civil, como jornalistas investigativos, que tiveram acesso privilegiado a documentos graças às suas relações com fontes.



Capa de livro produzido em 1972 por militantes da Ação Popular Marxista-Leninista do Brasil

Memória em disputa

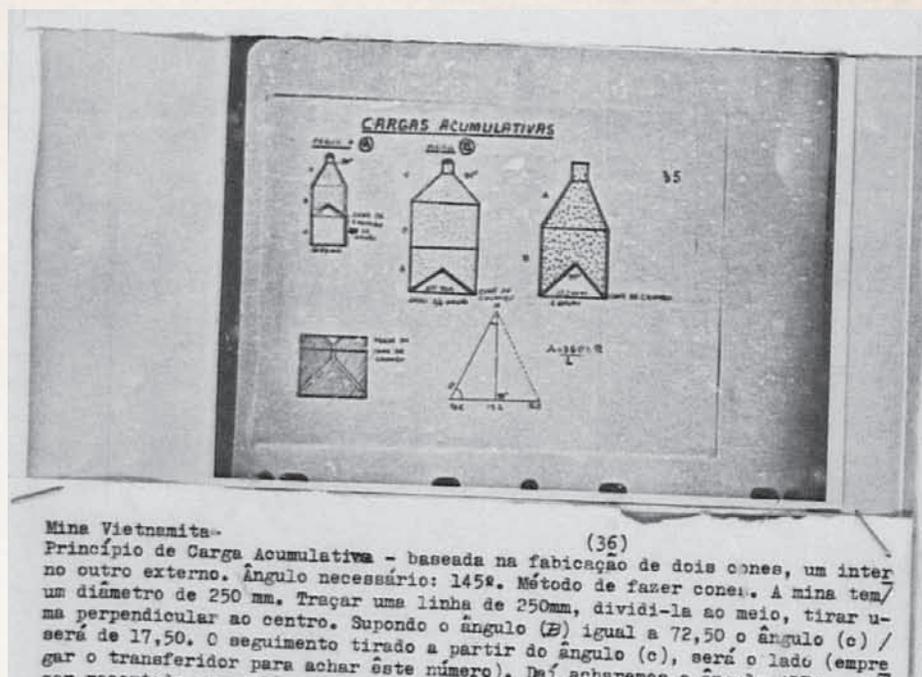
Os arquivos disponíveis estão organizados em seis grupos. No primeiro, denominado *Golpe militar de 1964*, estão sendo reunidos panfletos, atas, informes, peças de propaganda, programas, declarações e manifestos relativos ao Exército e a duas organizações que conspiraram para a derubada do governo do presidente João Goulart: o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (Ibad), criado em maio de 1959 e vinculado à Agência Central de Informações (CIA) americana, e o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipes), criado em agosto de 1961.

No segundo grupo, *Órgãos de informação e repressão da ditadura*, estão sendo disponibilizados documentos confidenciais, sigilosos e ultrassecretos sobre órgãos integrantes do sistema de coleta e análise de informações e de execução da repressão no Brasil, como o Cenimar, o CIE, o Cisa, o SNI, os Codi, os DOI, entre outros. Nesse grupo, há, por exemplo, códigos para cifragem e decifragem das comunicações de rádio realizadas em operações militares, o que possibilita saber o que exatamente era comandado em determinadas ações.

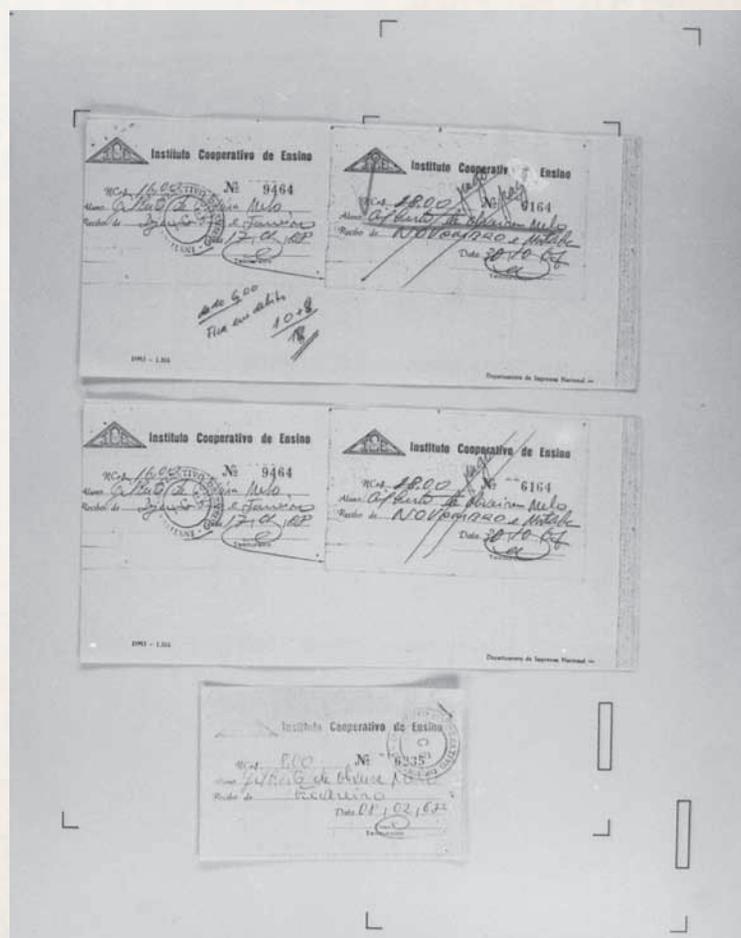
No terceiro grupo, denominado *Informantes, infiltrados, agentes e centros de repressão*, são apresentados informes sobre atribuições de centros clandestinos, relatórios e registros de informantes e de investigações da Marinha que envolviam oficiais. “Os documentos desse grupo oferecem uma visão muito interessante sobre como atuavam os agentes que se infiltravam entre estudantes e guerrilheiros. É possível inclusive saber quem eram eles e como colaboraram para prisões e mortes”, diz Buzatti.

No quarto grupo, *Censura*, estão reunidos relatórios de análise a respeito de suspeita de “atividades subversivas” em produções artísticas e intelectuais. O quinto, *Ditadura militar e populações indígenas*, abriga o “Relatório Figueiredo”, documento produzido pelo próprio Estado brasileiro (e que ficou desaparecido por 44 anos) sobre os crimes cometidos pela ditadura contra as populações indígenas. Por fim, o sexto grupo, *Organizações e movimentos de resistência*, concentra documentos relativos ao movimento estudantil, à esquerda armada, à oposição legal, à Igreja, à imprensa e às organizações políticas de oposição.

“A ditadura brasileira ainda é uma memória em disputa”, lembra Buzatti. “Seguimos operando em registros muito ideológicos sobre o assunto”. Talvez por isso, avalia o pesquisador, não é difícil encontrar pessoas dispostas a glorificar e homenagear aqueles que cometeram violações, como a tortura, que a comunidade internacional já considera, de forma pacífica, crime contra a humanidade, portanto imprescritível. “Daí advém a importância de uma documentação como esta ser ostentada na cena pública. Não penso que nós, pesquisadores, devamos interferir na discussão pública, demarcando o que é certo e o que é errado. O que devemos é ostentar o fato na cena pública massivamente: dar à sociedade civil, da qual nós mesmos fazemos parte, as ferramentas para que ela própria possa construir o seu pensamento”.



Trecho de instrução para fabricação de artefatos explosivos



Detalhe de ficha de agente infiltrado em organizações de esquerda

As NUANCES do SABER

Processos envolvidos na construção do conhecimento são abordados em nova exposição interativa temporária de museu da UFMG na Praça da Liberdade

Da redação*

O que inventamos para medir o tempo, os tamanhos, os pesos? Algum saber é mais importante do que outro? Como são construídos modelos e protótipos? Essas são algumas das questões que a mais nova exposição *Processaber*, que será aberta nesta semana, no Espaço do Conhecimento UFMG, utiliza para provocar no público reflexões sobre aspectos do processo do conhecer.

A mostra, que permanece no museu de 13 de maio a 25 de setembro, integra o projeto de concepção de uma futura exposição de longa duração para o Espaço. Sua pesquisa e montagem foram financiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e envolveu grupo interdisciplinar de professores e estudantes da UFMG.

Para discutir as nuances e conexões que perpassam a reflexão sobre o conhecimento, a exposição convida o visitante a exercitar seus sentidos, sua curiosidade e olhar crítico. Foram trabalhados aspectos como as formas de mensuração, as tentativas de criar padrões, comparar e estabelecer unidades universais de medidas, inventar e construir instrumentos e índices.

Na exposição, um jogo interativo mostra como são estabelecidos índices como o de Desenvolvimento Humano (IDH) e o de Felicidade Interna Bruta (FIB). Também são empregados instrumentos, testes

e aparelhos que representam algumas das tentativas desenvolvidas pela humanidade de compreender o funcionamento da mente e do comportamento.

Os visitantes também poderão conferir uma variedade de objetos curiosos que integram a coleção do Museu do Cotidiano, reunida por Antônio Carlos Figueiredo. A montagem também agrupa galeria de maquetes, manequins, formas de sapateiros e moldes de costureiras que exemplificam objetos construídos para auxiliar o homem a conceber, visualizar e compreender o ambiente que o cerca.

Associações sutis

Em todo o andar ocupado pela *Processaber*, optou-se pela utilização de elementos que remetem às oficinas, à ideia de processo e de construção. Faz-se ainda uma espécie de brincadeira com a utilização de cores complementares que, ao longo da exposição, “neutralizam-se” e convidam o visitante a perceber as interdependências, conexões e aproximações dos temas trabalhados. “Nosso interesse não é, por exemplo, demonstrar as diferenças entre as formas de medir utilizadas pela ciência e no nosso cotidiano, mas pensar nas medidas e nas maneiras de conhecer o mundo, questioná-lo e interpretá-lo”, explica Verona Segantini, coordenadora da exposição juntamente com Bernardo Jefferson e Cristiano Cezarino.

De acordo com o trio, a importância da montagem está associada ao trabalho com as dimensões mais cotidianas da produção do saber. “Há muita mitificação das formas de criação do conhecimento. Em geral, elas são associadas à ideia da ciência de ponta e laboratórios sofisticados”, lembra Jefferson. No entanto, complementa Cezarino, “os processos que geram o saber são semelhantes àqueles de que todas as pessoas se valem para organizar ideias, transmitir pensamentos, usando instrumentos e linguagens diferentes, mas equivalentes”.

Refresco

Para a coordenadora do Núcleo de Expografia do Espaço do Conhecimento, Tereza Bruzzi, as exposições temporárias representam um mecanismo importante para o diálogo com o público e reflexão crítica sobre o que a instituição propõe. “Elas trazem um refresco para a estrutura do museu, convida-nos a parar, repensar e recortar os assuntos trabalhados, mas de forma mais leve. O visitante recebe estímulos para voltar e criar vínculos, o que é muito importante. Além disso, todas as vezes que abrimos uma exposição, confrontamos as questões que precisamos discutir e repensar no momento.”

A professora destaca ainda a importância de dialogar com outras instituições da cidade. “Uma exposição de curta duração também possibilita a construção de novas pontes de articulação para o museu, janelas de conversas com outros atores. No caso da *Processaber*, pudemos iniciar uma conversa com um espaço que está se instituindo na cidade, o Museu do Cotidiano”, finaliza Tereza.

Exposição *Processaber*

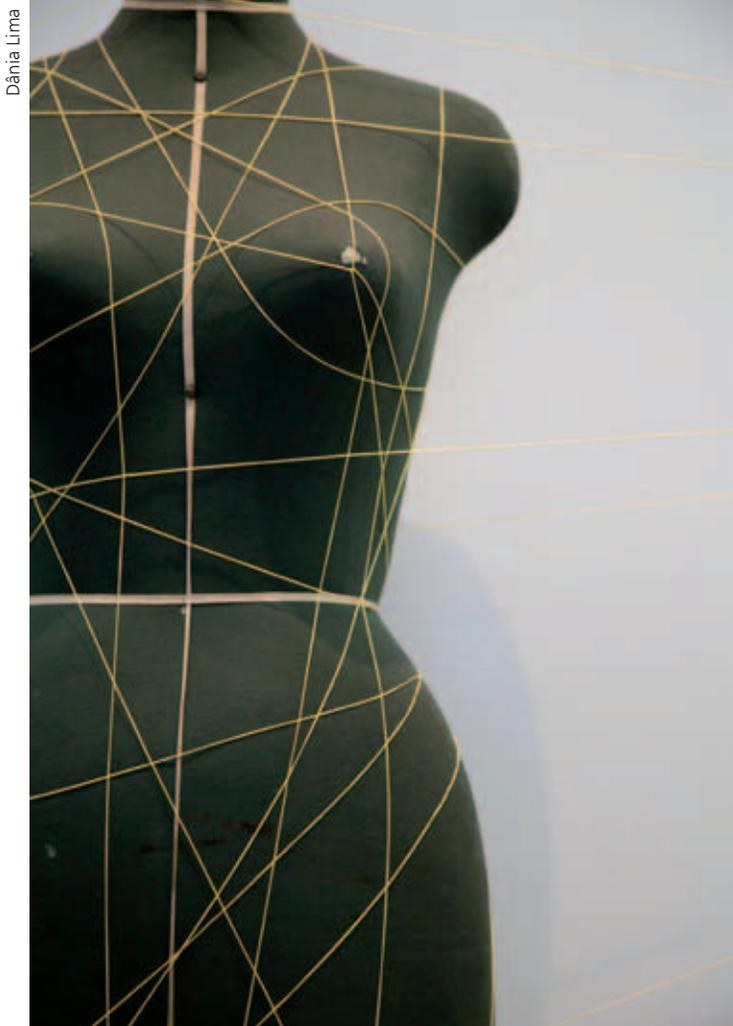
Período de visitação: 13 de maio a 25 de setembro de 2016

De terça a domingo, das 10h às 17h. Quinta-feira, das 10h às 21h.

Entrada gratuita

Local: Espaço do Conhecimento UFMG – Praça da Liberdade, 700

(Com Assessoria de Comunicação do Espaço do Conhecimento UFMG)



Dânia Lima

Manequim da coleção do Museu do Cotidiano: exemplo de objeto que ajuda o homem a conceber e visualizar o ambiente que o cerca

RUPTURA

A capacidade de identificar e resolver problemas da sociedade e o potencial transformador de cada indivíduo será abordada no evento *Ruptura – O que é que eu tô fazendo da minha vida?*, que será realizado na Escola de Engenharia (auditório principal) de 12 a 14 de maio.

Segundo os organizadores, trata-se de ciclo de palestras “inspiradoras e motivadoras, com pessoas que adotaram postura proativa e causaram enorme impacto em suas vidas, na comunidade mineira e no Brasil”.

A programação inclui exposição de *startups* brasileiras, treinamento empreendedor que utiliza metodologia da Universidade da Califórnia (Berkeley) e as atividades *Saindo da Caixa*, que oferecerá aos participantes oportunidade de subirem ao palco e dar voz às suas próprias reflexões, e *SolucionJá*, *game show* que tem o objetivo de transformar problemas em soluções criativas.

PEDAGOGOS NO MUSEU

O Museu de História Natural e Jardim Botânico vai promover, em 21 de maio, encontro de formação de pedagogos. A iniciativa, destinada a profissionais da educação básica e estudantes de pedagogia, vai apresentar os espaços expositivos e algumas das ações educativas desenvolvidas pela instituição. Também vai tratar de questões relacionadas ao campo de atuação profissional do pedagogo.

O encontro terá duração de oito horas, e os participantes receberão certificados. As inscrições, gratuitas, poderão ser feitas até 16 de maio – é preciso enviar para o e-mail cenex@mhnjb.ufmg.br os seguintes dados: nome completo, endereço eletrônico, período, instituição e cidade de origem. Outras informações podem ser obtidas pelo telefone (31) 3409-7650.

Erramos

PAISAGEM

O título do artigo de opinião de Ludimila de Miranda Rodrigues Silva e Vagner Luciano de Andrade, publicado na última edição do BOLETIM (1938, de 2/05/2016), foi grafado incorretamente. O correto é *Ética, estética e epistemologia da paisagem*. A correção foi feita na versão digital.



Israel Palestina

‘AMAZÔNIDAS’

A Fachada Digital do Espaço do Conhecimento UFMG exhibe, até a próxima quinta, 15, a exposição *Amazônidas – um olhar sensível sobre a cultura do Tapajós*. A obra reúne imagens do fotógrafo Israel Souza, conhecido como Palestina Israel, que fotografou a região do Rio Tapajós, no oeste do Pará, entre 2014 e 2015.

Segundo o artista, as imagens revelam o cotidiano e os hábitos dos ribeirinhos da Amazônia paraense, “comunidades indígenas ocidentalizadas, grupos sociais que fazem um sincretismo entre cultura indígena e europeia”. Nascido em Belo Horizonte, Palestina mudou-se há dois anos para a comunidade do Caranazal, de cerca de 600 habitantes, em Santarém, no Pará.

HIDROGINÁSTICA

A Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional ainda está com vagas abertas para o curso de hidroginástica. As aulas têm o objetivo de proporcionar aos alunos condicionamento físico, controle ponderal, recuperação física e qualidade de vida. A atividade tem duração de 40 minutos.

Destinadas a jovens com idade a partir de 15 anos e a adultos e idosos das comunidades interna e externa, as sessões são realizadas duas ou três vezes por semana, em diversos horários. As matrículas devem ser feitas pelo site da Fundep: www.cursoseeventos.ufmg.br/.

INTERMIDIALIDADE

A UFMG receberá, de 11 a 21 de maio, o professor Jørgen Bruhn, da Universidade Linnæus, na Suécia. Convidado do Programa Cátedras Fundep/leat, Bruhn é professor de Literatura Comparada e estuda principalmente a intermedialidade, a interseção dos diversos tipos de linguagens. A anfitriã é a professora Thaís Flores Nogueira Diniz, da Faculdade de Letras.

Jørgen Bruhn vai realizar três atividades abertas à participação de alunos, professores e pesquisadores: o minicurso *Transmediações estéticas do Antropoceno*, a conferência *O antropoceno através das fronteiras midiáticas: do discurso científico ao blockbuster* e a participação na V Jornada Intermídia. Outras informações podem ser obtidas pelo telefone 3409-4123 ou pelo endereço eletrônico info@ieat.ufmg.br.

MÚSICA, HISTÓRIA E ARTES

O Centro Cultural UFMG vai oferecer, durante a 14ª Semana Nacional de Museus (16 a 22 de maio), oficinas nas áreas de música, história, desenho, fotografia e arte. O objetivo é ensinar princípios básicos e técnicas de cada área. As oficinas são pagas, e os materiais utilizados nas aulas deverão ser levados pelos alunos. Os participantes devem ter, no mínimo, 14 anos de idade.

Horários, preços, pré-requisitos e locais das aulas podem ser consultados no site <http://bit.ly/1XV68Gh>. As inscrições deverão ser feitas em 13 de maio, no Centro Cultural (Avenida Santos Dumont, 174, Centro). Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (31) 3409-8290.

Do CORPO à PAISAGEM

UFMG prepara programação especial para a 14ª Semana Nacional de Museus

Lucas Senra*

Dez espaços que compõem a Rede de Museu e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG vão participar, de 16 a 22 de maio, da 14ª Semana Nacional de Museus, promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). A participação da Universidade envolverá o Acervo de Escritores Mineiros, o Centro Cultural UFMG, os centros de memória da Farmácia e da Medicina, o Centro de Referência em Cartografia Histórica, o Espaço do Conhecimento e os museus de Ciências Morfológicas (MCM), de História Natural e Jardim Botânico, Itinerante Ponto UFMG e Casa Padre Toledo, em Tiradentes.

O Museu de Ciências Morfológicas, que participou de todas as edições anteriores, vai inaugurar a exposição *O dizer à flor da pele – o corpo humano como substrato das paisagens simbólicas*. A mostra promove uma reflexão, tanto em perspectiva histórica quanto contemporânea, sobre a aplicação de tatuagens e adereços no corpo. “Procuramos oferecer uma expografia atraente, mas, acima de tudo, informativa e reflexiva sobre o impacto que essas interferências podem trazer ao corpo para além de uma expressão estética”, analisa a diretora do Museu, Gleydes Gambogi Parreira, professora do Departamento de Morfologia do ICB e diretora do MCM. A exposição ficará aberta de 17 a 20 de maio, na sede do Museu, no campus Pampulha.

O Centro de Memória da Medicina (Cememor) vai resgatar a história do grego Hipócrates, considerado o pai da Medicina. O grande destaque fica por conta da exposição de uma obra rara, *Hippocratis coi medicorum omnium facile principis opera*, datada de 1619. Ela foi restaurada pela bibliotecária da UFMG Diná Araújo, integrante do Programa Memória do Mundo, da Unesco.

O acervo do Cememor é formado por obras raras, documentos institucionais, multimídia, instrumentos cirúrgicos antigos, equipamentos médicos e referências a estudantes ilustres que passaram pela Faculdade de Medicina, como Juscelino Kubitschek, Pedro Salles e Pedro Nava. “E tudo aberto à visitação pública”, salienta o professor Luciano Amedee Peret Filho, coordenador do Cememor. A exposição sobre a obra de Hipócrates pode ser visitada até 31 de maio, na Faculdade de Medicina, campus Saúde.

A atração do Centro de Memória é a exposição *Drummond: o poeta farmacêutico*, com documentos, provas, fotografias e itens que ilustram a vida de estudante do poeta Carlos Drummond de Andrade e a influência do curso de Farmácia em sua obra. O acervo poderá ser visitado, de 16 a 20 de maio, na Faculdade de Farmácia, no campus Pampulha.

Em todo o país serão realizadas cerca de 3.700 atividades especiais em 1.236 museus e espaços de ciência e cultura. O tema deste ano é Museus e Paisagens Culturais.



Foca Lisboa

Reprodução do ambiente de trabalho de Cyro dos Anjos, no Acervo de Escritores Mineiros

O Acervo de Escritores Mineiros também elaborou programação especial. No dia 18, haverá visita guiada, das 9h às 17h, e palestra sobre a criação do Acervo, vinculado ao Centro de Estudos Literários e Culturais da Faculdade de Letras (Fale). Trata-se de espaço permanente de exposição e pesquisa interdisciplinar sobre a obra e memória de importantes nomes da literatura nacional. Abriga acervos, coleções de livros, documentos e objetos de Fernando Sabino, Cyro dos Anjos, Abgar Renault, Henriqueta Lisboa, Lúcia Machado de Almeida, Murilo Rubião, entre outros, doados à UFMG por seus familiares e herdeiros. O Acervo fica na Avenida Antônio Carlos, 6.627, no 3º andar da Biblioteca Universitária, campus Pampulha. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (31) 3409-6079.

Em Tiradentes

A programação da 14ª Semana Nacional de Museus também se estende ao campus cultural de Tiradentes. O Museu Casa Padre Toledo receberá a exposição *Minas: uma paisagem*, exibirá o documentário *Tiradentes sob óticas*, que retrata processos de turismo na cidade, e abrigará as oficinas *Deriva sonora*, para as quais foram concebidos capacetes que atuam como dispositivos de escuta, filtrando e alterando a relação com os sons ambientais. O Museu fica na rua Padre Toledo, 190.

A programação está disponível em <http://bit.ly/1T2h2Mh>.

*Bolsista de Jornalismo da Pró-reitoria de Extensão

EXPEDIENTE

Reitor: Jaime Arturo Ramírez – Vice-reitora: Sandra Goulart Almeida – Diretor de Divulgação e Comunicação Social: Marcílio Lana – Editor: Flávio de Almeida (Reg. Prof. 5.076/MG) – Projeto Gráfico: Marcelo Lustosa – Diagramação: Romero Morais – Revisão: Cecília de Lima e Josiane Pádua – Impressão: Imprensa Universitária – Tiragem: 4,6 mil exemplares – Circulação semanal – Endereço: Diretoria de Divulgação e Comunicação Social, campus Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6.627, CEP 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – Telefone: (31) 3409-4184 – Internet: <http://www.ufmg.br> e boletim@cedecom.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.

UFMG

Carta

9912388766/2015DRMG

UFMG

Correios